

# TPU: os 13 pontos de um insólito

por Rogério Sítos

Um fiscal dos Transportes Públicos Urbanos, cuja identificação não quis torná-la pública, e pouco mais de 30 passageiros, que aflitos por não terem onde dormir cerca de 23.30 horas, são os protagonistas de um episódio, triste e lamentável, que vou desvendar. O cenário inicial é a paragem da carreira para o Cinema 700, no Museu, e a história arrasta-se envolvendo, em cada instante, mais actores, polícias, cobradores, motoristas e chefe de tráfego e culmina na terminal dos TPU, onde à 1.30 horas, os passageiros se vêem abandonados, devido às «ordens superiores», restando-lhes apenas vaguear pela cidade fora, pela madrugada à espera do alvorecer, para pegar os primeiros autocarros.

● As 19.45 horas, parte com destino ao «Cinema 700» um autocarro, «Leyland Victory», desviado de uma outra linha, por se haver constatado que o aglomerado de pessoas, naquela paragem, era tão grande que urgia, de facto, diminuir a bicha. Tal autocarro parte com os passageiros apinhados na porta, após uma dura luta, deixando atrás de si tudo como dantes.

● Os minutos foram passando e o número de pessoas, obviamente, foi também crescendo. Até às 23 horas, não havia aparecido outra carreira. As pessoas, particularmente senhoras, velhos e crianças, que até então se encontravam deitados ou sentados no chão, foram-se erguendo, pouco a pouco, à medida que o ponteiro dos minutos se aproximava das 23.10, altura em que deveria partir, com destino ao «Cinema 700», a última carreira, pelo menos, já que, desde as 19.45, não circulara nenhuma.

● Às 23.30 horas, portanto 20 minutos depois da hora

habitual, ficou claro para toda a gente que nenhuma carreira apareceria para levar as pessoas para Matola, o que, de certo modo, é até normal com os TPU. É isto tão verdade que aqueles que têm familiares ou amigos, começaram a bater em retirada, enquanto pouco mais de 30 pessoas, de entre elas eu, adivinhávamos a sorte que a noite nos reservava, se não agissemos depressa.

● As 23.45 horas, as coisas começam a complicar-se, pois para fora da cidade apenas restava na paragem um autocarro com destino a Chitevele, que, nem pouco mais ou menos, servia. Eis que surge, de entre nós, uma ideia: Insistir junto do fiscal numa solução para as 30 pessoas. É exposto o caso ao fiscal, que apenas se limita a dizer: «Lamento e compreendo o vosso problema, mas nada posso fazer».

● 23.55 horas. As pessoas não se mostram resignadas com a resposta do fiscal e perseguem-no até o interior da carreira 22, quando este se propunha abandonar o trabalho, deixando aqueles passageiros em terra. Trava-se uma discussão entre passageiros e o fiscal, que resulta na saída de todos para, com mais calma, por parte dos primeiros alcançar-se qualquer solução.

● Meia-noite. Ainda não há acordo, o fiscal insiste em como não lhe cabe resolver o problema, enquanto os passageiros defendem o contrário. Entretanto um agente da Polícia que se encontrava por lá perto, preocupado com a movimentação das pessoas, decide intervir, terminando assim: Se o caso é este, acho que o fiscal deve resolver.

● Meia-noite e cinco. Enquanto os passageiros se entre-têm na discussão com a polícia, o fiscal «põe-se ao fresco» e introduz-se na carreira 19, que se presume que seja a última naquela hora. Porém, é descoberto antes de o autocarro arrancar e as 30 pessoas também lá entram, travando-se um novo impasse. Por um lado, o fiscal afirma que não lhe cabe resolver o problema, que «é um assunto dos TPU». Por outro lado, os passageiros insistem que ele deve acompanhá-los aos TPU, onde junto dos outros «certamente se resolveria». Só que isto era uma ilusão, como mais à frente.

● Vinte e cinco minutos após esta discussão, na qual os passageiros se recusaram a pagar a tarifa, com destino à terminal dos TPU, onde «se resolveria o problema, o autocarro parte com todos os passageiros e o fiscal completamente contrariado».

● As 0.35 horas, o fiscal já próximo da terminal dos TPU desce com o carro em andamento, naquilo que foi interpretado, como mais uma tentativa de fuga, em combinação com o motorista, que se viu obrigado a parar o autocarro repentinamente, ameaçado pelos passageiros. Acto contínuo, o fiscal é perseguido até à entrada da Terminal.

## O CÚMULO DA INSENSIBILIDADE

● Na Terminal, apenas foi permitida a entrada a duas pessoas, para o diálogo TPU-Passageiros. Uma vez lá dentro, perante um senhor que também não se quis identificar, para

além de dizer que era o chefe do tráfego daquele turno, o fiscal narrou a sua versão, deturpada, sobre os acontecimentos, tendo cabido a vez aos passageiros, representados pelos dois elementos, contarem a sua versão. De notar que, discutir os pormenores do acontecimento, eram «cantigas». O importante, com os meios ali disponíveis, pois havia muitos autocarros a recolher, era transportar aquelas 30 pessoas para a Matola.

● A uma hora, o tal senhor chefe do tráfego, gozando da sua autoridade, segundo afirmou, decide. «Nós não levamos ninguém para nenhum sítio. Vocês não são os únicos sem carros, nós já estamos habituados... arranjem-se. Ponto final».

Tentou-se convencer aquela gente que se tratava de senhoras, cujos maridos estavam em casa à espera sem saber onde encontrá-las, de crianças e velhos que não tinham onde dormir. Mas aquela voz hipócrita voltou a soar. «Eu já disse, isso não é nada connosco, não podemos tirar nenhum carro por causa de vocês. São ordens do chefe» — desfechou com esta.

● A 1.15 horas. Um dos passageiros, já em desespero, resolve telefonar para a Polícia, à procura de uma ajuda, a última. Do escultador a voz do oficial do dia faz-se ouvir: — **Que as pessoas dumam na rua, não é connosco, só se houver crime, aí nós interviremos. Vocês bateram em alguém? — Não. Alguém bateu-vos? Não. Então não há problema...**

● Entretanto, à 1.30 horas parte, com destino a Matola, um autocarro com alguns trabalhadores, que recolhiam a casa. **Só que este autocarro não levou ninguém, porque as «Ordens dos Chefes» não permitem.**

Vencidos, os passageiros começaram a dispersar. Lembro-me apenas, que ouvi falar em dormir nas escadas. Eu, na companhia de mais três amigos, rumamos para o Malhangalene à procura de uma prima esquecida há anos, que nos deu guarida. Dos restantes, não sei qual a sorte que lhes coube. Episódios como este poderão repetir-se diariamente. Sob as ordens dos chefes? Que chefes?

N. 27/8/82